



Quarto de empregada representa uma ferida ainda aberta na sociedade brasileira, aponta estudo

Carolina Paz Comerlatto / 8 de agosto de 2024 / Divulgação Científica, Sociais

Sociais | Tese de doutorado analisa as contradições históricas do cômodo em edifícios multifamiliares

*Foto: frame do filme "Que horas ela volta?" (2015), de Anna Muylaert (Reprodução)

"As pessoas não percebem que estão silenciando algo que precisa ser exposto, inclusive na área acadêmica." Doutora em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Luisa Sopas afirma que sua proposta de pesquisa sobre os cômodos destinados às trabalhadoras domésticas "recebeu muitos não" antes de encontrar casa na UFRGS. Com dedicação ao tema desde 2017, foi em 2019 que iniciou a pesquisa no Programa de Pós-graduação em Arquitetura (PROPAR). "[Esse tema] Ainda é uma ferida aberta na sociedade brasileira", atesta.

Orientada por Andrea Soler Machado, a pesquisadora se propôs a analisar as configurações historicamente assumidas para as chamadas "dependências de empregada" em habitações multifamiliares na cidade de São Paulo. Com foco na produção arquitetônica modernista, Luisa buscou elucidar de que maneira as construções urbanas incorporam elementos típicos da sociedade agrária escravocrata de que o Brasil, pelo menos em teoria, estaria se despedindo na época.

O interesse pela temática surgiu a partir do incômodo da arquiteta diante do aspecto imobiliário que se construiu sobre o quarto de empregada: "ainda é um argumento de venda", comenta. Para ela, é uma grande contradição que os edifícios multifamiliares em altura, principal signo arquitetônico de modernidade, incorporassem elementos da sociedade tradicional em suas plantas. "Isso sempre me causou um desconforto."

Estudos técnicos

Em sua análise, Luisa se debruçou sobre as publicações da revista *Acrópole*, um dos principais veículos de comunicação da escola modernista na arquitetura. Publicado entre 1938 e 1971, o periódico foi digitalizado na íntegra pela Universidade de São Paulo. Dos 227 edifícios analisados pela autora, 77 apresentavam de maneira declarativa a existência de um quarto de empregada.

Foi a partir desses registros que Luisa redesenhou as plantas-baixas e refletiu sobre o cômodo dedicado às trabalhadoras domésticas. Frequentemente referenciado como pequeno, abafado, sem mobília adequada e escuro, para a pesquisadora o espaço é um "dispositivo espacial de segregação e dominação" que reproduz as estruturas sociais brasileiras.

Luisa destaca termos como "a máquina de morar", de Le Corbusier, ao se referir à ideia de uma habitação mínima representada pelo prédio, mas em que ainda sobra espaço para elementos de um passado escravagista. Para ela, também é importante ressaltar o conceito de edifícios multifamiliares. Além da inovação representada por eles na época, indica que "várias famílias absorvem aquela maneira de morar" – e que compactuam, consequentemente, com a estrutura proposta.



Acima e na capa, frames do filme "Que horas ela volta?" (2015), de Anna Muylaert. Na cena, Jéssica (Camila Márdila), filha da empregada doméstica Val (Regina Casé), mostra à mãe a planta da casa dos patrões, em cujo "pavimento inferior" (à esquerda) está localizado o pequeno quarto da empregada (reprodução)

Relatos marcantes

É por meio de uma perspectiva decolonial, interseccional e feminista que a pesquisadora compreende os elementos estudados no trabalho. Segundo ela, em uma estrutura cis-heteropatriarcal, há uma infinidade de opressões que operam especialmente em cima da mulher negra. "Quando a gente começa a perceber que essas realidades todas estão entrelaçadas e que elas oprimem de maneiras diversas, fica absolutamente impossível a gente conseguir falar de só uma delas", comenta.

"É muito importante a gente perceber todas essas avenidas, inclusive as avenidas em que nós, como arquitetos, temos responsabilidade e que acabamos por contribuir para essa opressão se não houver muita vigilância e empatia na hora de projetar"

— Luisa Sopas

Nesse sentido, Luisa percebeu que uma única perspectiva qualitativa seria insuficiente para abordar a profundidade do trabalho. Foi durante o processo de escrita que a pesquisadora teve contato com duas trabalhadoras domésticas, Isaura Benevides e Vânia Barbosa, que transformaram a ideia inicial da tese com seus relatos. Para Luisa, "a parte mais importante foi dar voz a essas mulheres que foram atravessadas pela subjetividade de morar no quarto de empregada".

"Foram entrevistas que me marcaram pra vida toda – e acredito que não só a mim. Ao longo da defesa [do trabalho à banca avaliadora], ficou muito claro o quanto foi importante ter essa visão do que é o quarto de empregada de dentro para fora, porque nós, como arquitetos e numa condição ultraprivilegiada, qualquer tipo de conhecimento que nós produzíssemos teria um viés específico"

— Luisa Sopas

Por uma nova realidade

Como aponta a autora, o uso de habitações segregatórias não se restringe à arquitetura moderna paulistana: o mercado imobiliário segue projetando estruturas ultrapassadas e valorizando edifícios que reproduzam esse modelo. Para ela, a esperança é de que a pesquisa contribua para a reflexão acerca de como o ambiente construído pode levar à legitimação de condutas de caráter exploratório do trabalho.

Segundo Luisa, o mais importante é "dar voz a essas mulheres para quem, muitas vezes, ambientes acadêmicos dão as costas". Ao fim do doutorado, esse é um de seus grandes desejos: que trabalhadoras domésticas possam tomar a linha de frente de estudos como esse. "Eu não acho que haja uma saída fácil, mas acredito muito na educação pública de qualidade, como a da UFRGS, para conseguirmos formar pessoas mais empáticas que alterem essa realidade." Para ela, a tese é "apenas o começo de um trabalho" que espera que continue. Defendida no final de junho, a tese de doutorado de Luisa estará disponível na íntegra em breve no [Lume - Repositório Digital da UFRGS](#).

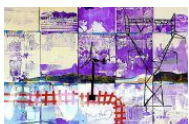
:: Posts relacionados



Ver a literatura do Japão na canção do Brasil



Jornalistas não abrem mão de defender princípios da profissão, mesmo em cenário movido por métricas ...



Energias renováveis e mudanças climáticas



Cidade e memória na tragédia climática gaúcha

INSTAGRAM

jornaldauniversidadeufrgs
@jornaldauniversidadeufrgs

Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA
UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria - 8.andar | Câmpus Centro |
Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP:
90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br

[View on Instagram](#)